



A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Adriana Cilene Alves de Oliveira¹

Jaqueline Pasuch²

INTRODUÇÃO

*"Somos um país que vem reincidindo no fracasso em alfabetização"
(Magda Soares)*

A epígrafe em destaque revela que os problemas e dilemas da alfabetização no Brasil são de longa data, é um quadro histórico inquietante, pois a não realização do processo de alfabetização das crianças, se caracteriza como negação do direito constitucionalmente garantido, reforçado no Plano Nacional de Educação (PNE) e no Plano Municipal de Educação (PME)³.

Concentramos neste trabalho esforços para dialogar sobre a alfabetização no sentido de entender, compartilhar e problematizar os desafios vivenciados em uma escola da rede municipal de ensino, Novo Progresso/PA e que se agravaram com a repentina pandemia do novo Coronavírus (Covid 19) ou Sars-CoV-2, que em tempo recorde atingiu os quatro cantos do mundo e impôs a adoção de medidas para controlar seu avanço.

Desde 2020 as aulas presenciais estão suspensas, o calendário letivo foi conduzido através de aulas remotas, por orientação do Conselho Estadual de Educação (CEE/PA) com a impressão de material que estava para ser retirado nas escolas. Até então, nunca havíamos conduzido a prática docente nesse formato. Numa avaliação particular, dizemos que ficou muito pouco em

¹Professora da rede pública municipal de ensino, Novo Progresso/PA. Mestra em Educação UNEMAT/MT. E-mail: dricaford@bol.com.br.

²Doutora em Educação. Professora Aposentada da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. E-mail: jaquelinepasuch@gmail.com.

³Lei Municipal Nº 442/2015.



termos de aprendizado.

Para melhor situar o objeto de nossa reflexão, entendemos alfabetização como processo, dado no ingresso da criança na escola, a partir dos seis anos de idade, quando passa frequentar regularmente e presencialmente o ensino fundamental. É um processo cujo objetivo precípua é aquisição da leitura e da escrita, além da compreensão daquilo que se escreve e lê.

Se tratando da alfabetização, é importante registrar que temos como referência os trabalhos de Soares (2018), Mortatti (2003), Oliveira e Delmondes (2019), nestas encontramos eco para tecer as considerações sobre o objeto em relevo, que parte da experiência e dos desafios do cotidiano.

Como pontua Soares (2018), na sétima edição da obra Alfabetização e Letramento, após trinta anos de publicação de um de seus textos, “[...] parte dos problemas da alfabetização ainda não foram resolvidos, o que justifica a releitura e atualidade da questão”. (p.13), e com a pandemia teremos o agravamento destes.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: INTERAÇÃO E RELAÇÃO DIALÓGICA

Segundo Oliveira e Delmondes (2019), “[...] alfabetizar tem a ver com um compromisso político de emancipação do sujeito aprendente por meio de uma relação dialógica” (p.129), de acordo com as autoras, o ato de alfabetizar se dá por meio da interação entre os sujeitos participantes do processo.

É necessário enfatizar que neste curso deve haver intencionalidades, planejamento, sobretudo clareza docente quanto os meios utilizados para atingir fins que efetivamente resultem na aprendizagem.

Diante disso, como conduzir o processo de alfabetização no contexto da pandemia? O ensino presencial foi interrompido e poucas foram as iniciativas dos governos no intuito de proporcionar formação para os docentes,



responsáveis direto pela condução do ensino.

Temos um quadro no mínimo preocupante, quando assumimos que a alfabetização se realiza numa “relação dialógica”, estamos convencidas que este complexo processo, isto é, “[...] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” (SOARES, 2018, p.16), ocorre de forma presencial.

O cerne da questão se encontra aí, inquietudes que buscam dialogar com pesquisadores e professores que sentiram o chão ausentando-se literalmente dos seus pés, imperando um estado de perplexidade quanto a condução do ensino, através de uma relação indireta, sem a interação com os pares.

ALFABETIZAÇÃO E SUA COMPLEXIDADE

É muita ingenuidade simplificar o processo de alfabetização, ao contrário o campo é de complexidade, objeto cuja natureza precisa ser desmistificada na ação prática, no contato estabelecido no espaço da escola, da sala de aula, sob a luz de referências teóricas que justificam a escolha docente na condução do ensino.

Esbarramos em outra problemática, professores que também não dispõem das ferramentas tecnológicas, e em muitos casos não sabem lidar com estas, pois demanda formação e formação demanda organização, planejamento, investimento, quanto a isso, apenas sugestões para que as aulas fossem online, que professores gravassem vídeos, enfim, a frase mais ouvida, era preciso “reinventar-se” ou melhor, virar-se.

Pelo que o dia a dia mostrou, os trabalhos foram organizados na perspectiva do ensino presencial. O material impresso, entregue aos responsáveis, esbarrava no limite de muitas famílias, constatava-se isso nas conversas realizadas no ato de entrega da atividade,

Professora, eu trabalho o dia todo; Professora, tem coisas que não lembro mais; Professora, ele não sabe de nada; Professora, ele não



quer fazer; Professora, eu não sei ensinar; Professora, eu não tenho paciência; Professora, eu estou preocupada...Professora, será se as aulas presenciais vão começar?

Essa é uma parte muito pequena das conversas tidas com os responsáveis dos estudantes, além do desabafo, era um apelo para que as aulas presenciais fossem retomadas, mas entre conduzir desta forma e colocar em risco a vida de pessoas, a nossa vida, o município seguiu as orientações dos órgãos de saúde, em articulação com a comissão responsável pela tomada de decisão no que diz respeito a retornar as aulas presenciais ou continuar no formato de ensino remoto.

Como definir alfabetização nesse contexto? É preciso ter clareza que alfabetização “[...] é um *conjunto de habilidades*, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado” (SOARES, 2018, p.20, grifos da autora), dessa maneira, no mínimo precisamos nos apropriar desse conjunto e tratar com a devida complexidade que o objeto exige. Ainda na perspectiva de Soares (2018),

[...] o processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas [...] (p.18, *grifo da autora*)

Pensemos nos dilemas dos professores da educação básica que tem reaprendido no contexto da pandemia a conduzir o ensino, onde tudo é instável, imprevisível, incerto, temos na verdade um novo problema, isto é, materializado no seguinte questionamento: como levar a aprendizagem do conjunto de habilidades que na sua forma clássica deveria ocorrer numa “relação dialógica”, de interação, socialização, e agora depara-se com o ensino remoto?

Partilhamos que “ensinar a ler e a escrever são atividades que contribuem para que o ser humano se posicione, criticamente, frente às situações de sua vida cotidiana” (OLIVEIRA; DELMONDES, 2019, p.127), mais do que nunca se vê e reconhece a importância da educação e da alfabetização fruto das intervenções planejadas, dinâmicas, orientadas, que se dão nos



espaços escolares.

Não se pode perder de vista, “[...] a alfabetização é um direito do cidadão e se encontra na base da conquista de todos os demais, e que políticas públicas e investimentos financeiros para educação e alfabetização são imprescindíveis” (MORTATTI, 2013, p.30). A discussão de Mortatti traz uma análise da alfabetização tendo como pano de fundo as avaliações em larga escala, que tem sido referência para organização do ensino. Como posto pela referida autora, o avanço e êxito da alfabetização tem a ver com políticas públicas e com as mudanças que precisam ser feitas em cada espaço, ninguém é capaz de conhecer densamente os problemas, há pontos em comum, mas há especificidades.

Alfabetizar, conduzir a alfabetização das crianças que ingressaram no ensino fundamental em tempos de pandemia é um convite a discussão, socialização das experiências, é instante de recorrer a literatura, dialogar com os autores, questioná-los e mais além, registrar interrogações, dúvidas.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo dessa discussão procuramos dialogar com as autoras no sentido de problematizar a alfabetização como processo de natureza complexa, que demanda o entendimento das bases e estudos para se chegar na essência deste mesmo objeto.

A partir da epígrafe que inicia este texto, chamamos atenção para o quadro histórico do fracasso da alfabetização, não deixamos de reconhecer alguns importantes avanços, mas estes não são suficientes para garantir a qualidade do processo a todos.

Concluimos que em tempos de pandemia os dilemas no campo da alfabetização ganharam outras proporções, temos desafios que demandarão esforços dos que tem participação direta com a educação e ensino das crianças, e principalmente da atuação dos governos, do estado na implantação de políticas que sejam coerentes com as necessidades dos



espaços e deste tempo que nos causou muita dor, mas tende a nos fortalecer para que juntos e organizados possamos galgar na busca pela superação deste cenário e avançar na efetivação da alfabetização de qualidade para cada uma e todas as crianças, pois é direito delas para que conquistem sua autonomia e exerçam sua cidadania.

REFERÊNCIAS

MORTATTI, M. R. L. Um balanço crítico da “década da alfabetização” no Brasil. **Caderno Cedes** [online], Campinas, v.33, n.89, p.15-34, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622013000100002&script=sci_abstract&tIng=pt>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

OLIVEIRA, B. C. P; DELMONDES, C. D. S. A proposta pioneira da alfabetização como processo discursivo no Brasil e sua apropriação pelas alfabetizadoras, em Mato Grosso. **Revista Brasileira de Alfabetização**. V.1; n. 9; p.126-148; jan/jun.2019.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.